

## PSICANÁLISE E LINGUAGEM: OS SENTIDOS E AS SUAS BORDAS

Bruno MACHADO (Mestrado FALE/UFMG<sup>1</sup>)  
Renato MELLO (FALE/UFMG)

**RESUMO:** Pretende-se efetuar uma articulação entre pressupostos da Lingüística e considerações sobre a Psicanálise lacaniana. A temática terá como eixo o atravessamento de concepções dos estudos da linguagem na Psicanálise, delimitando noções como sentido, sujeito, representação e real. Será traçado um paralelo com pontos da lingüística da enunciação de Benveniste, buscando traçar algumas aproximações e divergências com o discurso psicanalítico. Procura-se demonstrar, também, o estatuto de linguagem que o conceito de inconsciente encerra em dois momentos distintos do ensino de Lacan e o que em cada um se pode depreender como função da palavra e construção dos sentidos.

**RÉSUMÉ:** Notre but est de relier certains fondements théoriques de la linguistique à des réflexions sur la psychanalyse lacanienne. Le fil conducteur du travail nous mènera à introduire des concepts des sciences du langage dans la psychanalyse, en délimitant des notions telles que le sens, le sujet, la représentation et le réel. En nous basant sur la linguistique de l'énonciation de Benveniste, nous essaierons de tracer quelques rapprochements ainsi que des divergences par rapport au discours psychanalytique. Nous voulons démontrer le statut du langage que recèle le concept de l'inconscient et la fonction de la parole et la construction des sens.

Articular linguagem e Psicanálise é uma proposição necessária. A descoberta inaugural de Freud parte, primeiramente, de uma aposta nos poderes da palavra. Sua hipótese e abordagem do que ele denominou de inconsciente se encontra no âmbito de uma inscrição psíquica não passível de ser mensurada, apreendida logicamente ou abordada por um viés biológico e anatômico. A dimensão psíquica por ele evocada, exemplarmente abordada na tríade *A Interpretação dos Sonhos*, *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* e *Os Chistes e suas Relações com o Inconsciente*, constitui a dimensão psíquica da linguagem. É na palavra e pela palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial. Por promover uma ruptura com o discurso médico e cientificista de sua época e por apostar em uma cura pela palavra, Freud é, por vezes, visto como um precursor da Lingüística. Seu ensino, desde os primórdios, focou sobre a questão da palavra e seus efeitos na formação dos sintomas, na constituição do sujeito, no campo do desejo e no próprio inconsciente. Em *A Interpretação dos Sonhos*, FREUD (1987) afirma que o inconsciente é uma linguagem.

O sentido do “retorno a Freud”, promovido por Lacan no início de seu ensino, na década de cinquenta, encontra-se na própria problemática da padronização e burocratização cuja relação inaugural de Freud, com a experiência do inconsciente, sofreu interferência da tradição anglo-saxônica, experiência essa tributária à função da fala e ao campo da linguagem. O percurso lacaniano na Psicanálise foi marcado por uma tentativa de formalizar a doutrina freudiana a partir de contribuições da Lingüística, da Lógica e da Topologia, rechaçando a Biologia e a Psicologia de seu campo. No primeiro momento de seu ensino, Lacan se propôs a fazer uma leitura da obra freudiana a partir do que parecia ser uma ciência piloto para as ciências humanas nos anos cinquenta: a Lingüística Estrutural.

Deriva desse momento histórico o axioma lacaniano sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem. O conhecido e citado “retorno a Freud” foi possível a partir de uma leitura de Saussure, esse revisado e reeditado por Jakobson. LACAN (1998) pôde, então, formalizar o inconsciente estruturado como uma linguagem (partindo de uma inversão do algoritmo saussuriano e colocando o significante em uma primazia sobre o significado) e conceber o inconsciente como um encadeamento significante que produz um saber: o sujeito. O sujeito, nas palavras de LACAN (1985), não é jamais senão pontual e evanescente, pois ele só é sujeito por um significante, e para um outro significante.

Toda ambigüidade do signo se prende ao fato de ele representar algo para alguém. Esse alguém pode ser muitas coisas, pode ser o universo inteiro, na medida em que nos ensina, há algum tempo, que a informação circula por ele ao negativo da entropia. Todo nó em que se concentram signos, no que eles representam algo, pode ser tomado por

---

<sup>1</sup> b\_machado@uol.com.br

qualquer um. O que é preciso acentuar, em contrário disso, é que um significante é o que representa um sujeito para um outro significante. (LACAN, 1985, p. 197)

O sujeito, sendo definido pela articulação de um significante com o outro, é colocado em uma posição descentrada e cindida entre enunciado e enunciação. Um sujeito, pois, não é apreensível pelo discurso, sendo ele sempre um intervalo, uma ausência entre dois significantes que Lacan nomeou de “*falta-a-ser*”. Se o que designa o sujeito vai marcá-lo como um “*falta-a-ser*”, como uma certa ausência, tem-se a incerteza no próprio efeito significante, na própria divisão do falante, porque ele diz mais do que supõe e se surpreende com o que ele mesmo faz ao ser “hospedeiro” de um estranho. O que impulsiona e põe em movimento o ato da enunciação é a própria impossibilidade de dizer o que se quer, estando o sujeito do significante em uma vacilação entre petrificação e indeterminação. Petrificação por um significante e indeterminação no interior do deslizamento do sentido; eis o impasse do sujeito para Lacan. A linguagem é, então, um estranho que habita e divide o falante: “O inconsciente é a soma dos efeitos da fala sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante.” (LACAN, 1985, p. 122)

A doutrina psicanalítica veio então colocar e evidenciar aquilo que marca uma diferença fundamental, simultaneamente simples e complexa, entre o homem e os demais animais: o homem é um ser falante. De fato, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, FREUD (1905) separa o corpo de sua representação a partir do conceito de pulsão. A pulsão é, em uma definição freudiana, um conceito-limite entre o psíquico e o somático, uma representação psíquica proveniente de uma fonte endossomática de estimulação constante. Não há, para Freud, um saber instintivo que guie um sujeito a uma escolha do objeto. Lacan retirou todas as conseqüências do pressuposto freudiano, propondo que a linguagem é um parasita que subverte toda a ordem natural do ser falante com o corpo, tendo como seu efeito o próprio inconsciente, testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante. Ele é, assim, um saber que não se sabe.

Lacan, em seu primeiro ensino, mostra uma grande ressonância com o postulado de Saussure, sendo que para este o signo lingüístico não é a coisa em si, mas apenas a representa. É passível então reler o conceito freudiano de representação pela via da linguagem, partindo da afirmativa lacaniana de que “a palavra mata a Coisa”.

Explicitando, o objeto de satisfação plena do ser falante se constitui como para e desde sempre perdido pela incidência da linguagem, não havendo um possível acesso direto à coisa em si, apenas a uma representação da mesma: o sujeito se constitui como “*falta-a-ser*” pela linguagem. Se Freud já afirmara que o inconsciente não é da ordem da anatomia ou da fisiologia, faltou a ele subsídios para, como Lacan o fez, afirmar que a linguagem é a condição do inconsciente.

No decorrer dos anos cinquenta, no auge do movimento do Estruturalismo, o lingüista Émile Benveniste buscava reinserir nos estudos lingüísticos as instâncias da subjetividade e da enunciação, ambas rechaçadas pela própria Lingüística Estrutural que, ao conceber a língua de forma hermeticamente cerrada, desconsiderava assim a instância do falante e a dimensão do discurso. Benveniste apresenta uma série de textos em que sistematiza o seu *aparelho formal da enunciação* e se referencia diretamente ao campo psicanalítico. O próprio conceito de enunciação, por ele proposto, demonstra a importância creditada a esse campo: a enunciação é um ato individual de utilização da língua e sua conversão em discurso, ou seja, ela diz de uma particularidade daquele que a enuncia. A lingüística de Benveniste é a lingüística do discurso, propondo analisar a linguagem do ponto de vista da significação. O lingüista ainda foi convidado por Lacan para dar sua contribuição ao primeiro número da revista *La Psychanalyse* (1953), por demonstrar adesão às teses discutidas no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. A contribuição de Benveniste em questão é o texto *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, um tributo à *talking cure* analítica. O lingüista ali ressalta a dimensão subjetiva da linguagem cuja análise convida a um sujeito a experimentar a radicalidade de se conceber uma cura calcada na possibilidade de se reescrever e de se reposicionar frente a sua própria história, partindo de um processo narrativo biográfico. BENVENISTE (1976) ainda define ali, à sua maneira, o que Freud denominou de realidade psíquica ou fantasmática, ao enunciar que a dimensão operada pela Psicanálise não se trata da dimensão da realidade empírica e sim da dimensão do discurso, sendo esse que vem conferir a autenticidade à experiência. Nas palavras daquele autor:

De fato, se ele precisa de que o paciente lhe conte tudo – mesmo que se expresse ao acaso e sem propósito definido – não é para reconhecer um fato empírico que não haja sido registrado em parte nenhuma a não ser na memória do paciente: é porque os acontecimentos empíricos não têm realidade para o analista a não ser no – e pelo – ‘discurso’, que lhes confere a autenticidade da experiência, sem consideração da sua

realidade histórica, e mesmo (é preciso dizer: sobretudo) que o discurso evite, transponha ou invente a biografia que o sujeito se atribuiu. (BENVENISTE, 1976, p.83)

A aproximação entre ambos os pensadores foi breve e as divergências rapidamente tomaram cena, culminando em uma ruptura. O que de importante permanece desse breve encontro é o fato de que o trabalho de Benveniste anunciou a subversão da concepção de linguagem que se efetuariam através da Psicanálise, em uma época em que a Linguística tendia a eliminar de seu campo tudo que não fosse formalmente sistematizável ou estruturável.

Benveniste fundamentou sua investigação das marcas da subjetividade e da enunciação nos discursos a partir de uma crítica e contestação de determinados pressupostos lingüísticos em Saussure, propondo, a partir do mesmo, uma bipartição entre uma lingüística das formas e uma lingüística da enunciação. É a segunda que representa o corte epistemológico que reinsere na Linguística a noção de sujeito, a partir do *aparelho formal da enunciação*. Não se trata, logo, de uma crítica que visa a eclipsar o lugar central ocupado por Saussure na Linguística. Benveniste, bem ao contrário, ressalta que a referência a Saussure é incontornável e inabalável, sendo que não há um único lingüista que não o mencione e que não deva algo a ele. Em um dos princípios fundamentais do signo, Saussure afirma que o significante é imotivado, ou seja, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. Entre significante e significado a relação é sempre arbitrária, inexistindo um laço *a priori*. Ao classificar o signo lingüístico como uma entidade psíquica de duas faces, Saussure lança mão de uma dicotomia, na qual o signo é formado por uma associação indissociável entre significante e significado.

Saussure refere-se ao significante como uma imagem acústica, em si esvaziada de sentido e sem ligação *a priori* com o seu significado, que é um conceito. O significante, ainda segundo Saussure, possui uma natureza auditiva e um caráter psíquico, constituindo representações psíquicas para o falante. Para ele, o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. Trata-se de um dos princípios fundamentais do signo enunciado por Saussure. Um grande impasse nessa proposição é o seu raciocínio cerrado e necessário que desconsidera o elemento da realidade do falante. Um determinado significado tem para um falante um laço necessário com o seu conjunto fônico significante, imprimindo uma marca psíquica. BENVENISTE (1976) defende que o laço entre significante e significado não é arbitrário, porém necessário. O que é arbitrário, segundo o autor, é a relação de aplicabilidade entre um signo e determinado elemento da realidade. O autor não deixa de observar que o prisma do lingüista e o do falante são por demais diferentes, sendo que o primeiro tende a desconsiderar a solução que o segundo dá para a linguagem ao se fazer uso dela: “Para o falante há, entre a língua e a realidade, adequação completa: o signo encobre e comanda a realidade; ele é essa realidade...” (BENVENISTE, 1976, p.57)

O algoritmo saussuriano é então relido na seguinte proposição: não é entre o significante e o significado que o laço é imotivado e sim entre o signo e o objeto. Discorrendo melhor a respeito, o que Saussure enuncia permanece verdadeiro, mas a respeito da significação e não do signo. O postulado é solidário à apropriação lacaniana do algoritmo de Saussure. Ao formular o inconsciente como um encadeamento de significantes e não de significados, torna-se impossível conferir valor a uma palavra desligando-a da realidade psíquica de um sujeito particular que a enuncia.

No primeiro momento do ensino lacaniano, o que é buscado então é a compreensão dos sintomas neuróticos em termos de linguagem, conforme preconizado por Freud em sua descoberta inaugural do inconsciente. Supõe-se que há na formação sintomática um sentido cifrado que a interpretação analítica poderá trazer à tona e decifrar através do discurso do analisante. Trata-se de uma vertente do inconsciente concebido como histórico e interpretável, sendo o sintoma, como Benveniste em seu trabalho já preconizara à sua maneira, fruto de uma opacidade da historicização do sujeito que a interpretação analítica, através do recurso à fala e à linguagem, tentaria restabelecer. Sobre *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, texto discutido por Benveniste, LACAN (1998) enuncia: “... já está de todo modo claro que o sintoma se resolve inteiramente em uma análise languageira, porque ele próprio é estruturado como uma linguagem, ele é linguagem cuja fala deve ser liberada.” (LACAN, 1998, p.270)

A questão sobre a realidade do falante, anteriormente citada, é plenamente justificada para Benveniste, partindo-se do pressuposto de que, para ele, a linguagem não é um aparato criado pelo homem para fins de comunicação, e sim faz parte da própria condição de homem. BENVENISTE (1976), assim como Lacan, renuncia então à questão das origens: não é possível se pensar em um momento mítico inaugural de apropriação da linguagem, essa vista como um elemento de exterioridade. Só há sujeito porque há linguagem, sendo ambos indissociáveis:

Na realidade, a comparação da linguagem a um instrumento, e é preciso realmente que seja como um instrumento material para que a comparação seja pelo menos inteligível, deve encher-nos de desconfiança, como toda noção simplista a respeito da linguagem. Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. (BENVENISTE, 1976, p.285)

A instância do discurso é, então, a linguagem posta em ação por dois parceiros; sendo a última provida de uma natureza imaterial e simbólica, a própria atualização da palavra. O lugar da subjetividade na linguagem aponta para uma polaridade na qual um “eu” implica o lugar de um “tu” para o qual se endereça um enunciado, em uma relação dialética intersubjetiva na qual não se concebe um termo sem o outro. É importante ressaltar que os lugares do “eu” e do “tu” são assimétricos na instância do discurso, sendo atravessados pela interpretação de cada uma das partes. A noção de temporalidade é constantemente atualizada no discurso, sendo que o presente coincide com o tempo da enunciação.

Se a língua, em sua constituição semântico-gramatical, apresenta tempos verbais que possibilitam a sua expressão no presente, passado e futuro; a dimensão discursiva da linguagem está sempre presente, constantemente atualizada pela tomada da palavra, coincidindo o acontecimento descrito como a instância do discurso que o descreve. Essa marca da temporalidade mostra de maneira exemplar a diferença entre a língua como um sistema formal e o discurso como língua em uso. BENVENISTE (1976) frisa o fato de que a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como “eu” no seu discurso, sendo que o fundamento da subjetividade está no próprio exercício da linguagem atualizada na produção discursiva:

Ora, essa ‘subjetividade’, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É ‘ego’ que diz ego. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo status lingüístico da ‘pessoa’. (BENVENISTE, 1976, p.286)

Se o sujeito é um efeito de linguagem, conforme teorizado por Benveniste e Lacan de maneiras particulares, o que a experiência psicanalítica nos ensina é que algo resiste ao significante ou só se deixa tocar por ele em arranjos em que o sentido esbarra em seus limites. Freud se viu diante desse inominável na clínica, de um impossível que excede e insiste, o que vem marcar a passagem para sua chamada “segunda tópica” do aparelho psíquico. Em *Além do Princípio de Prazer*, verdadeiro divisor de águas, anuncia ele a insuficiência de uma clínica pautada puramente na interpretação. A linguagem, como a experiência psicanalítica evoca, é um “muro”, sendo o recurso à palavra sempre precário para comunicar e partilhar as experiências libidinais, esbarrando no “*fora-sentido*”. De acordo com LAURENT (2004):

No momento mesmo em que aprendemos a falar, fazemos a experiência de alguma coisa que vive de forma diferente no vivente, que é a linguagem e as significações. É nesse mesmo movimento que comunicamos nossas experiências libidinais e que fazemos a descoberta dos limites dessa comunicação – o fato de que a linguagem é um muro. Se não somos excessivamente esmagados pelo mal entendido, então conseguimos falar. Mas fazemos então a experiência de que não sairemos mais da linguagem. (LAURENT, 2004, p. 24)

LACAN (1992), em seu *Seminário XVII O Averso da Psicanálise*, enunciou, em uma ácida ironia, que o homem, desde que é falante, está fadado ao fracasso. A imersão na linguagem é traumática por portar em seu centro uma não-relação fundamental, sendo essa própria imersão a origem do desamparo primordial do falante. A categoria lacaniana de *real* deriva de uma elaboração sobre os limites do sentido e do registro do simbólico; sendo o *real* aquilo que excede e não é abarcado por qualquer nomeação. O *real* pode ser compreendido como a borda do sistema da linguagem. Em outras palavras, há para o ser falante uma conta que nunca se fecha, um excedente do enlaçamento do sujeito com a palavra que Lacan nomeou de *gozo*. A partir do conceito de *gozo*, verifica-se que a função do significante ultrapassa a capacidade de engendrar significação.

Em 1919, Freud escreve um texto particularmente belo, misterioso e instigante, que pode ser lido como um verdadeiro exercício de considerações e especulações sobre o que é a nomeação, o que é o sentido e o que escapa a todo o sentido. *O Estranho*, ou, *Das Unheimliche*, o título do texto em questão é objeto de um comentário de LACAN (2005), em seu *Seminário X A Angústia*:

De hoje até a próxima vez, peço-lhes que se dêem o trabalho de reler, com a introdução que lhes forneço, o artigo de Freud sobre a *Unheimlichkeit*.<sup>2</sup> É um artigo que nunca tencionei comentar, e que ninguém parece haver sequer percebido que é o eixo indispensável para abordar a questão da angústia. Assim como abordei o inconsciente através do Witz<sup>3</sup>, este ano abordarei a angústia pela *Unheimlichkeit*.” (LACAN, 2005,p.51)

Com essa passagem, Lacan evidencia o aspecto central abordado no texto freudiano: o que causa estranheza, que escapa à harmonia do sentido, causa angústia.

Em um primeiro momento do texto sobre *O Estranho*, FREUD (1976) põe-se a dissecar os diversos sentidos do termo *Unheimlich*, que significa aquilo que causa estranheza, medo, angústia, desconforto, dentre outras acepções. O *Unheimlich* é aquilo que nunca é exatamente o que se pensa ser, o oculto, o “*fora-sentido*” por excelência. Ele demonstra como “o estranho” aparece nas formações do inconsciente, a partir de uma afirmação aparentemente paradoxal, mas que tem uma perfeita sintonia com a experiência analítica: “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1976, p.277 )

Indo além, Freud articula “o estranho” à compulsão, à repetição, como um retorno incessante a um mesmo ponto que produz no sujeito uma sensação de estranheza e de desamparo, que para ele é incapaz de ser satisfatoriamente explicada. Em uma articulação com o *Além do Princípio do Prazer*, texto redigido em mesma época deste e que apresenta especulações sobre a existência da pulsão de morte, FREUD (1976) enlaça definitivamente o estranho com o campo do *gozo*, com o que escapa à representação:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente das moções pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho. (FREUD, 1976, p.297)

A analogia com o texto *O Estranho* permite uma ancoragem com a questão sobre o sujeito psicanalítico e suas relações com a linguagem, os sentidos e o significante. Se o primeiro ensino de Lacan, conforme já visto, deu ênfase ao inconsciente estruturado como uma linguagem e o estatuto simbólico dos sintomas; a partir de seu segundo ensino assiste-se a um deslocamento da primazia do simbólico, evidenciando assim o real do sintoma, que não está imerso no reino do sentido. A linguagem passa a ser concebida como uma elocubração de saber sobre o que ele denominou de *lalangue*, sendo esse um significante puro, que não se encadeia e não produz sentido.

A captura do corpo do falante pela linguagem, ou em outros termos, por esse significante primordial que é *lalangue* perturba, produz um enigma, uma afetação de *gozo* que permanece como um núcleo traumático fora de sentido. Dizer que a linguagem é uma elocubração de saber sobre *lalangue* corresponde a dizer que o recurso ao simbólico é uma ficção para se explicar e se dar conta do encontro traumático com o real, um modo de romancear e dar sentido à “*falta-a-ser*” a qual o ser falante se constitui por ser marcado pelo significante. A linguagem é, nesse último ensino de LACAN (1985), uma construção de sentido sobre o encontro com o real da língua, encontro esse para o qual não há solução significante plena: “Se eu disse que a linguagem é aquilo como que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, do começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernentemente à função da *lalangue*”. (LACAN, 1985, p.189)

Se o inconsciente é testemunho de um saber, ele concerne a um “saber-fazer” com *lalangue*, conforme enunciado ainda por LACAN (1985):

A linguagem, sem dúvida, é feita de *lalangue*. É uma elocubração de saber sobre *lalangue*. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com *lalangue*. E o que se sabe fazer com *lalangue* ultrapassa de muito o que podemos dar conta a título de linguagem. (LACAN, 1985, p.190)

---

<sup>2</sup> Estranheza, estranhamento.

<sup>3</sup> Chiste.

Assiste-se assim a uma pulverização e conseqüente redução do sentido na clínica psicanalítica, a uma concepção de cura calcada em um enlaçamento que dispensa o lugar do Outro, do simbólico como lugar da verdade e como ponto de ligação, escancarando sua inexistência como uma alteridade radical. O analista é aquele que, em suma, não crê no sentido.

Se o primeiro ensino lacaniano preconizava uma interpretação simbólica dos sintomas, no último o que se busca é um “saber-fazer” com um resto, com um núcleo particular de *gozo* que é irreduzível ao significante. Indo além de seu primeiro ensino, a palavra mata e também vivifica a Coisa, pois produz um resíduo inapreensível e inarticulável simbolicamente, que insiste em tentar se encadear através de uma repetição sempre falha, um “fora-da-linguagem” já anunciado por Freud, à sua maneira, com o nome de pulsão de morte. O real é então, sem sentido e sem lei, sendo aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar, ou, nos termos de Lacan em seu *Seminário XX*, o que não cessa de não se escrever.

### **Referências Bibliográficas:**

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: USP, 1976.

FREUD, S. O Estranho. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *Seminário 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Seminário 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

LAURENT, E. O trauma e o avesso. In: *Papéis de psicanálise*. Belo Horizonte: IPSM-MG, 2004.